

# ASPECTOS DO FASCISMO<sup>1</sup> NO SÉCULO XX

Marly de A. G. Vianna<sup>2</sup>

O tema proposto para este pequeno artigo é, sem dúvida, da maior atualidade. Hoje, em todo o mundo, a extrema direita ganha uma força talvez só comparável ao período entreguerras (1918-1939).

Na Polónia, Hungria, Itália, Croácia os governos não só reprimem os partidos comunistas como são benevolentes com a extrema direita, a ponto de conviver com ela nos governos e tolerar grupos neo-nazistas. Na Itália, os neo-fascistas da Aliança Nacional participaram, em 1994, do governo Berlusconi. Na Áustria, a extrema direita quase chegou ao poder e, na França, teve grande votação – só para citar os casos mais conhecidos - enquanto nos Estados Unidos os conservadores vão tentando anular conquistas liberais.

Adolf Hitler e Benito Mussolini, juntos em um automóvel nas ruas de Munique durante a visita do ditador italiano à Alemanha. Crédito: United States Holocaust Memorial Museum, courtesy of National Archives and Records Administration, College Park. Domínio Público. Source Record ID: 242-EB-7-38, Fotografia número 80504

No Brasil, depois de inúmeras tentativas fracassadas, a direita conseguiu, com o golpe parlamentar do impedimento da presidente, não só acabar com a legislação trabalhista como vender o país a preço de banana. Conseguiu fazer com que o roubo, a corrupção e a violência fossem banalizados e passassem a ser incorporados ao cotidiano. Através da convivência com a calamidade pública: corrupção, impunidade, violência, falta de todos os serviços básicos para a população, perda dos valores morais básicos (como a absoluta falta de ética no trato do público), investe-se agora pesadamente – e oficialmente – no terreno ideológico, com as chamadas escolas sem partido – o que quer dizer escolas do partido dominante.

Diante de tal quadro é bastante pertinente a questão: o fascismo estará voltando?

Para dar uma resposta a esta questão – e há muitas! – começo por tentar responder a o que é o nazi-fascismo. Neste caso, as respostas também são variadas. A Internacional Comunista (IC) definiu-o, em 1935, como a ditadura terrorista aberta do grande capital. A definição traz alguns problemas. Embora na Itália e, principalmente, na Alemanha o grande capital tenha sido o financiador do nazi-fascismo, países como a França, a Inglaterra e os Estados Unidos não precisaram desse tipo de ditadura para continuar dominando em suas sociedades de capitalismo avançado. A definição da IC poderia ser aceita se acrescentarmos a ela: quando o governo liberal não consegue impedir as reivindicações da classe operária, reivindicações que dificultavam a acumulação de capitais, a manutenção e o aumento do lucro das empresas.

Quer dizer, mesmo considerando que a questão econômica tenha desempenhado papel fundamental para a chegada ao poder do nazi-fascismo, há que acrescentar aspectos políticos sem os quais teríamos que descartar o surgimento de tais regimes em países menos desenvolvidos.

Mas, frisamos que na base de tais regimes esteve uma situação econômica catastrófica. Além do final desastroso da Primeira Guerra Mundial para a Alemanha (e para a Itália, que se considerou traída por não obter territórios depois de lutar ao lado dos aliados), com absurda inflação e milhões de desempregados, houve a humilhação de toda a nação – situação que gerou o desespero, a desesperança, e a ânsia por mudanças radicais – revolucionárias. Depois da Revolução Russa, o nazi-fascismo propõe-se como uma terceira via – nem capitalista (sic) e nem socialista.

Reforçando a importância da situação econômica, lembramos que o movimento nazista, que surgiu na Alemanha no início dos anos 1920, perdeu seu poder de atração quando do Plano Dawes, norte-americano (1924), para ressurgir com força crescente depois da crise de 1929. Tendo como base a questão econômica, vários outros aspectos devem ser apreciados, o que tentaremos fazer mais adiante.

Há muitas outras definições do nazi-fascismo que não nos interessa detalhar porque não levam em conta aspectos econômicos políticos e sociais sem os quais não podemos entender o fenômeno. Um exemplo dessas interpretações é aquela que considera o nazi-fascismo como uma trágica aberração que se abateu sobre as sociedades italiana e alemã. Não haveria explicação para o fenômeno, a não ser a constatação de uma tragédia, como uma catástrofe natural ou uma doença súbita e mortal. É evidente a fragilidade desta interpretação, que tende também a isentar qualquer sociedade ou indivíduos das barbáries dos regimes.

Renzo de Felice menciona, entre outras interpretações,

A que vê o fascismo como um produto da crise moral da sociedade europeia da primeira metade do século XX; a que vê o fascismo como um produto dos processos atípicos e tardios, de desenvolvimento econômico e de unificação nacional de alguns países europeus, sobretudo a Alemanha e a Itália.<sup>3</sup>

Uma interpretação que destaco, por estar bastante ligada ao tema de que tratamos, é a que vê o nazi-fascismo como produto exclusivo do período histórico em que surgiu e chegou ao poder, quer dizer, fenômeno datado e irrepitível, uma vez que as condições históricas sob as quais se desenvolveu não voltarão a se repetir. Penso ser esta uma interpretação equivocada. Um fenômeno histórico jamais se repetirá tal e qual ocorreu no passado, o que não quer dizer que determinado fenômeno, em condições semelhantes, não possa se repetir naquilo que lhe é essencial. Se a situação histórica jamais se repetirá da mesma forma, identidades, semelhanças e resultados podem se repetir. Não podemos, com argumentos de absoluto historicismo, descartar novas – e vitoriosas – investidas da extrema-direita.

Não restam dúvidas sobre as dificuldades de conceituar este ou aquele processo político como fascista. Creio ser importante, para isso, identificar as principais características do nazi-fascismo e, a partir delas, ensaiar estabelecer o que poderíamos caracterizar como tal, fazendo uma importante diferença entre o nazi-fascismo e o que seriam ditaduras e/ou governos autoritários. Não se deve caracterizar um regime como nazi-fascista considerando apenas – ou principalmente – seu caráter repressor, porque regimes de extrema direita podem sê-lo e de forma bastante brutal (como o Chile de Pinochet e a Argentina dos gerais).

Para muitos estudiosos, a dificuldade de se conceituar o nazi-fascismo começa pela impossibilidade de se falar de uma ideologia própria deles, uma vez que, mesmo considerando cada país, separadamente, não havia um corpo de ideias estruturado, sendo seu discurso adaptado ao público a que se dirigia

e modificado segundo as circunstâncias. O nazismo, por exemplo, tinha um discurso para a grande indústria, que o financiou e outro para o movimento operário que tentava neutralizar. Enquanto tranquilizava os primeiros e reprimia o movimento operário e sindical, tentava parecer a este como um verdadeiro partido “nacional socialista dos trabalhadores alemães”.

Diz Mannheim:

É muito difícil organizar as ideias fascistas numa doutrina coerente. Além de não estar ainda desenvolvido, o fascismo não dá grande importância a uma teoria integralmente organizada. Seu programa muda constantemente, dependendo da classe a que se dirija. Neste caso, mais do que em qualquer outro, é essencial separar a mera propaganda da atitude real, a fim de obter-se a compreensão do seu caráter essencial. Este parece residir em seu absoluto irracionalismo e em seu ativismo, o que explica também o caráter vacilante, volátil da teoria fascista.<sup>4</sup>

Sobre as características do fascismo, que procuraremos levantar, talvez as únicas que encontraremos em todas as suas manifestações são o anticomunismo, o antiliberalismo (e antidemocracia) e o nacionalismo exacerbado. Além das características gerais há outras – todas presentes na Alemanha nazista – mas nem todas presentes na Itália, como o antissemitismo, por exemplo.

O nacionalismo exacerbado envolve várias questões: considerando-se um povo eleito, a única “raça” digna de sobreviver, daí derivam facilmente o desprezo pelo outro, a eugenia e o racismo; a busca pelo espaço vital de que carece o povo eleito, o que leva à guerra, que é cultivada como uma necessidade quase permanente e à violência que dela deriva. Por isso a organização de grupos paramilitares, de milícias e do genocídio que pretendem justificar.

Outro recurso permanente no nazi-fascismo foi a exploração da mística, que desempenha um papel fundamental na arregimentação e conquista do povo. A mística cumpre o papel de unir os descontentes. Nas palavras de Daniel Guérin,

Uma demagogia, bastante contraditória, não basta para ligar todos os descontentes. É preciso encontrar um cimento que os una: uma mística propositalmente vaga e na qual, todos aqueles, quaisquer que sejam seus interesses ou concepções divergentes, comunguem; uma mística graças à qual, segundo palavras de um nacional-socialista, “os numerosos indivíduos de uma multidão sejam amalgamados numa unidade espiritual, numa união sentimental”.<sup>5</sup>

Para ter êxito nessa conquista das massas, o nazi-fascismo recorre a grandes representações: paradas, uniformes, saudações, bandeira e, prin-

cipalmente, à música, a hinos guerreiros, conseguindo uma verdadeira comunhão espiritual daqueles que se sentem descontentes, perdidos. Sentem-se unidos na busca de um destino comum que os exalta como povo e como nação. Os nazistas sempre repetiam: “*Deutcheruberalles*” – a Alemanha acima de tudo.

A demagogia anticapitalista indicada no “socialismo” do nome do partido não passava disso: demagogia. Os nazistas não só serviam aos banqueiros e aos grandes capitalistas, como massacraram aqueles que realmente acreditaram – e tentaram levar adiante esse anticapitalismo. Em 1934, Rhon, o chefe das Tropas de Assalto e seus comandados foram mortos na conhecida como “Noite dos longos punhais”. Tentando explicar esse aspecto contraditório de sua demagogia antiimperialista, justificavam que o mal era o capitalismo internacional, encarnado pelos judeus, e não os capitalistas alemães.

Outra questão importante foi a criação de um partido único e, especialmente, oculto ao chefe, a obediência a ele e seu endeusamento. O chefe encarnava o Estado, uma instituição agora todo poderosa a cujos interesses – determinados pelo chefe e pelo partido de que era a encarnação – não se podia opor. Esse Estado era o organizador de toda a vida econômica, política, cultura e espiritual e, para ser obedecido, lançava mão da mais absoluta violência, violência brutal e organizada.

Como quadro de fundo para o surgimento do nazi-fascismo, tal qual manifestou-se naquele período histórico, temos não só a Grande Guerra e as consequências da derrota da Alemanha, como a força do movimento operário. O nazi-fascismo posicionou-se especialmente contra ele, destruindo suas organizações sindicais, rebaixando os salários, proibindo as greves, tentando de todas as maneiras acabar com a luta de classes. A grande ajuda ao capitalismo, dada pelos nazi-fascistas foi o esmagamento da classe operária. O impedimento, pelo terror, de suas reivindicações era o principal interesse do grande capital, que por isso mesmo os financiou.

## **Fascismo na Espanha e em Portugal?**

Tendo em vista as principais características do nazi-fascismo, cabe perguntar até que ponto podemos classificar a Espanha franquista e Portugal salazarista como tal Segundo vários autores<sup>6</sup> – com os quais concordo –, não podemos.

A Espanha franquista – A 1º de abril de 1939 as tropas de Francisco Franco tomam Madrid, esmagando os republicanos. Os pontos de contato do franquismo com o nazi-fascismo foram muitos, mas houve também algumas diferenças básicas. Para vencer a República Espanhola, Franco teve grande

ajuda da Itália fascista e da Alemanha hitlerista, que testaram sua aviação de guerra em território espanhol. A destruição de Guernica pelas bombas nazi-fascistas tornou-se emblemática sobre o tema.

Anticomunismo furibundo, repressão brutal. “Franco disse a Ciano, ministro italiano das Relações Exteriores, que suas tropas fuzilavam, em média, 200 pessoas por dia, em Madrid e Barcelona... Mais de 200.000 pessoas foram assassinadas entre abril de 1939 e julho de 1944”<sup>7</sup>. Apesar da neutralidade proclamada pela Espanha na Segunda Guerra Mundial, enviou para lutar no Leste a Divisão Azul, com 18.000 homens conhecidos por sua bestialidade, como também fornecia metais necessários à indústria bélica alemã.

Na Espanha havia um partido único, a Falange, e um chefe, “*caudillo*”, Francisco Franco. Mas o fascista José Antônio Primo de Rivera (dirigente da Falange) não chegou ao poder e, aos poucos, a Falange foi sendo reduzida à impotência. O franquismo espanhol foi uma ditadura brutal, mais militar-católica do que fascista e foi contando com o apoio da Igreja, que teve sempre por aliada, que Franco exerceu o controle ideológico sobre a população: exército, Igreja e os grandes latifundiários garantiam seu poder, mais do que um Estado fascista. Também não se falava na criação de um novo homem por uma renovação moral da juventude<sup>8</sup>, sendo muito mais um Estado clerical conservador e tradicionalista.

A brutal repressão do franquismo durou muito. O assassinato em 1963 de Julian Grimau, para quem até o Papa, em vão, pediu clemência, atesta a bestialidade do regime. Mas a repressão brutal – tão presente no mundo – não é por si só sinônimo de nazi-fascismo, repetimos.

Em Portugal salazarista os traços do fascismo são mais reduzidos. A personalidade de Antônio Oliveira Salazar contribuiu para que grandes manifestações de massa fossem descartadas e o quietismo predominasse, num projeto muito mais nacional-católico e saudosista do que fascista. O partido fascista dos camisas azuis de Rolão Preto foi fechado por Salazar, que não via lugar para ele em seu Estado Novo, acusando-o de “levar a juventude à exaltação, de cultuar a força pela chamada ação direta, de adotar o princípio da superioridade do poder político estatal na vida política, de propensão a organizar as massas sob um líder político”<sup>9</sup>.

O próprio Salazar define seu governo:

Nossa ditadura se aproxima, evidentemente, da ditadura fascista, pelo reforço da autoridade, pela guerra declarada a certos princípios da democracia, por sua característica nacionalista e sua preocupação com a ordem social. Mas se afasta dela, entretanto, por suas atitudes de renovação. A ditadura fascista tende para um cesarismo pagão, para um estado novo que não conhece limites

de ordem jurídica ou moral, que marcha para seu objetivo sem levar em conta dificuldades nem obstáculos (...) O Estado Novo português, ao contrário, não pode fugir – e nem se lhe ocorre isso – a certos limites de ordem moral que ele considera indispensáveis de serem mantidos, como balizas para sua ação reformadora.<sup>10</sup>

## **No Brasil**

Podemos indagar se o período do Estado Novo brasileiro (1937-1945) poderia ser chamado de fascista. Creio que não. Mais uma vez não podemos confundir uma ditadura, o autoritarismo e a repressão com fascismo. Getúlio, por exemplo, dispensou a existência de um partido político de conotações fascistas, a Ação Integralista Brasileira (AIB), criada em 1932 e que organizou vários pequenos partidos de extrema direita já existentes no país. (No entanto não se uniu e nem atraiu as organizações fascistas de imigrantes alemães - principalmente no sul do Brasil - e italianos - mais fortes em São Paulo).

Apesar de ter contado com os integralistas em suas campanhas anticomunistas e na instalação do Estado Novo, Getúlio Vargas fechou a AIB e proibiu todos os outros partidos e organizações políticas logo depois da decretação da ditadura. E também não organizou um partido único de apoio ao governo.

Getúlio tentou estabelecer um estado corporativista, sem maiores sucessos. Não cultivou qualquer aspecto guerreiro e o antissemitismo que, sem dúvida, havia em seu governo, era disfarçado. Paradas, hinos e celebrações visavam acima de tudo prestigiar a figura do presidente, como protetor da nação e em especial dos operários – o “pai dos pobres” - e não um estado todo-poderoso. E seu nacionalismo não foi xenófobo, mas desenvolvimentista.

## **A questão hoje**

Na possibilidade de ressurgimento do nazi-fascismo hoje, dificilmente ele teria - depois da revelação dos campos de extermínio e dos julgamentos em Nuremberg - as mesmas características formais das décadas de 1920 e 1930. Seus traços principais poderão aparecer sob novos aspectos, dos quais o nacionalismo exacerbado e os fundamentalismos – religiosos e/ou políticos são os mais perigosos. Teria um novo fascismo o aspecto religioso, a partir dos fundamentalismos que se intensificam no mundo?

Se um fascismo religioso for possível, por incrível e contraditório que pareça, pode-se pensar em Israel, diz Paxton. Por um lado, “A identidade nacional israelense sempre foi fortemente associada à afirmação dos direitos

humanos, que por muito tempo foram negados aos judeus da Diáspora. Essa tradição democrática forma uma barreira contra o abrir mão das instituições livres”.<sup>11</sup> Por outro lado,

Em 2002, era possível ouvir, dentro da ala direita do LIKUD e de alguns dos pequenos partidos religiosos, um linguajar que se aproximava de equivalente funcional do fascismo. O povo eleito começa a soar como uma raça superior que afirmava possuir “uma missão única” em todo o mundo, que exigia seu “espaço vital”, que demonizava o inimigo que obstruía a realização do destino do povo e que aceitava a necessidade do uso da força para que esses objetivos fossem atendidos.<sup>12</sup>

Nesses dias o Estado de Israel acaba de modificar a Constituição de sua fundação, em 1948. Aquela dizia que a população árabe-israelense tinha os mesmos direitos políticos e religiosos que os judeus. Depois de decretar Jerusalém capital de Israel – com o apoio dos Estados Unidos -, o que é uma clara ameaça à paz, hoje o senhor Netanyahu conseguiu aprovar (com pequena maioria, é verdade), o Estado Nação do Povo Judeu, passando os árabes a cidadãos de segunda classe. O hebraico passa a ser a língua oficial e os judeus se autodeterminam – é o povo eleito. Para ser israelita é preciso ser judeu.

Pensar nas possibilidades (as há!) e nas probabilidades (não tão desprezíveis) do ressurgimento de regimes nazi-fascistas leva-nos a considerar o aparecimento perigoso de nacionalismos extremadas e fundamentalismos religiosos.

Sabemos dos atentados de grupos de extrema direita – os *skinhead* - contra imigrantes e de uma política de vários governos de rejeitá-los, impedindo sua entrada no país, não importando que isso signifique a morte de milhares de pessoas – o Mediterrâneo tornou-se um verdadeiro e trágico túmulo – ou prendendo imigrantes e separando país e filhos, numa atitude nunca vista no mundo dito civilizado. Esquece-se que os imigrantes fogem de seus países destruídos por guerras e governos assassinos, cuja existência deve-se, na maioria das vezes, justamente à dominação dos países que os rejeitam.

Para pensarmos melhor a questão da possibilidade do ressurgimento do nazi-fascismo, vamos ver suas principais características - considerando que suas formas na atualidade tenderiam a não repetir o nazi-fascismo das décadas de 1920 e 1930, como já disse.

Uma das questões fundamentais do nazi-fascismo foi o culto à violência, a uma suposta virilidade guerreira, cuja manutenção e enaltecimento seria uma maneira de garantir a dominação da raça mais forte, do povo eleito. Apesar de não ser provável uma catástrofe mundial – nuclear –, as guerras

localizadas não cessaram, atingem grandes territórios e expulsam milhares de pessoas de suas terras. Nesses conflitos estão muito presentes questões levantadas pelos nazi-fascistas: a necessidade de ampliar seus territórios – o espaço vital – às custas da destruição e expulsão de outros povos de suas terras. A justificativa desses conflitos também é a mesma: o direito do mais forte.

O nazi-fascismo criou inimigos, internos e externos, que precisavam combater. O antissemitismo continua forte em países como a Polônia e a Hungria, por exemplo, mas, depois do holocausto, é difícil proclamar o povo judeu como o grande inimigo a ser combatido. Já o comunismo, mesmo depois do desaparecimento do campo socialista, continua a fornecer argumentos – completamente disparatados, mas que ainda funcionam – para considerá-lo o grande inimigo, tanto interna quanto externamente. O terrorismo destaca-se também como inimigo externo e, junto com ele, são demonizados os muçulmanos e o Islã.

Então podemos esquecer o racismo, ainda forte nos Estados Unidos, principalmente em relação aos negros, mas também a latino-americanos, “cidadãos de segunda classe”, e todos aqueles que, não comungando com “o modo de vida americano”, tornam-se uma ameaça à cultura deles – afirmação recente do presidente Trump que, além do mais, tenta considerar todo imigrante como provável criminoso.

O desemprego, decorrente da situação econômica, e a culpabilização dos imigrantes por ele é uma questão preocupante: mais uma vez o outro aparece como culpado dos males de uma determinada nação, torna-se um inimigo. A questão é trabalhada pela classe dominante, os verdadeiros responsáveis pelo desemprego, que forçam a discriminação do estrangeiro. No entanto, os dados mostram que eles interferem muito pouco na questão de vagas de trabalho - e, mais ainda, ocupam vagas de trabalho que os nativos desprezam. Veja-se o quadro abaixo, organizado por Pedro Marcos Vianna, redator da *Revista Migration Sociétés*

### Algumas cifras sobre imigração

Ano	População mundial	Imigrantes	Porcentagem
1975	4 000 000 000	77 000 000	1,925 %
1995	5 700 000 000	150 000 000	2,632 %
2000	6 000 000 000	190 000 000	3,167 %
2012	7 000 000 000	220 000 000	3,143 %
2015	7 350 000 000	240 000 000	3,265 %
2016	7 500 000 000	250 000 000	3,333 %

Fonte: *Population étrangère et immigrée en France: INSEE (recensement 2013). Réfugiés et personnes déplacées: Haut Commissariat des Nations unies pour les réfugiés (HCR). Migrations dans le monde: Organisation internationale des migrations, OCDE, ONU.*

Outra questão a ser levada bastante em conta, em relação ao crescimento de posições de extrema-direita, é o descrédito da política e das organizações partidárias, o que leva à crença num salvador ou naquele que simplesmente contesta a realidade, não importa de que forma seja, contanto que se oponha a uma realidade sentida como insuportável e sem solução nos quadros vigentes. Cito um artigo de Maria Cristina Fernandes sobre pesquisa de Esther Solano, professora da Universidade Federal de São Paulo, numa escola estadual de São Miguel Paulista, no final do ano passado<sup>13</sup>.

Para a pesquisa foram escolhidas duas turmas, uma de alunos entre 14 e 16 anos e outra com idades entre 16 e 18. Depois de passar para os alunos vídeos com situações e frases homofóbicas, machistas, debochadas e sempre muito violentas, de Jair Bolsonaro, estava interessada em ouvir as opiniões dos alunos sobre o que viram e ouviram, alunos que, de saída, aplaudiram os vídeos passados (muito poucas vozes dissonantes). Os alunos pró-Bolsonaro o justificavam. Disse um garoto de 16 anos: “Ele não tem discurso de ódio, tá só expondo a opinião dele, falando a verdade. E quando é um pouco radical, se retrata. Não tem discurso de ódio porque quer o melhor para todos. Só que a esquerda exagera. Olha o caso da Maria do Rosário, ela ofendeu primeiro”.<sup>14</sup> A maioria dos alunos considera Bolsonaro um verdadeiro mito, porque ele tem a coragem de se opor ao que existe, é rebelde, diz o que pensa. Esse é um caso típico e perigoso de ver a situação. Como se desacredita a política, os partidos políticos e as lutas organizadas e, como consequência, as conquistas liberais –, que vão se tornando sinônimo de permissividade, de corrupção, de impunidade –, tende-se a procurar uma figura que se idealiza como a encarnação de um salvador. Em especial – principalmente para a juventude – se tal pessoa mostra-se irreverente. Daí para o apelo a regimes fortes, à ditaduras, é um pequeno passo.

Não podemos esquecer que o fascismo “nutre um projeto não conformista, *avantgardista* e revolucionário. Foi uma força de ruptura, capaz de tomar de assalto a ordem estabelecida e concorrer eficazmente com o marxismo, junto aos intelectuais e às massas”.<sup>15</sup> Não vamos nos assustar com o termo revolucionário, pois foi essa a compreensão que o fascismo passou para a maioria de seus adeptos: uma revolução para construir uma nova sociedade e um novo homem – daí seu forte apelo entre a juventude. O fascismo foi inicialmente um movimento de revolta e essa dimensão precisa ser levada em conta, se quisermos enfrentá-lo com êxito.<sup>16</sup>

Outra questão que deve ser considerada é o desmantelamento das forças antifascistas, pelo descrédito das organizações políticas e sindicais, pelo abalo da solidariedade da classe operária, pela tentativa de desacreditar a utopia socialista.

Podemos perceber que muitas das pré-condições para o surgimento do fascismo se acham presentes ou latentes em quase todos os países ditos democráticos. Daí a preconizar o surgimento do fascismo como política organizada de um estado o passo é longo – mas não descartável.

A grande questão hoje é a ofensiva da extrema-direita. Por um lado – e falo agora especificamente do Brasil - do ponto de vista econômico desmantelam-se e se destroem as conquistas trabalhistas, desacreditam-se as organizações sindicais, operando inclusive a uma destruição da solidariedade operária, à medida em que cada vez mais valoriza-se o individualismo. Hoje, no Brasil, assistimos à tentativa de acabar com a independência do ensino, numa grande ofensiva ideológica da chamada “Escola sem partido” que, nada mais é do que uma escola partidária dos interesses dominantes, não laica e retrógrada.

Não utilizei, para qualificar os regimes de extrema-direita, o termo totalitarismo, por considerá-lo contaminado ideologicamente, sendo usado com o objetivo de igualar nazismo e comunismo. Quem cunhou o adjetivo, numa conotação diferente da que passou a ser usada, foi Giovanni Amendola, da oposição parlamentar italiana e assassinado pelos fascistas em 1926.

...cunhou o termo *totalitário*, em um artigo de maio de 1923, denunciando as tentativas fascistas de monopolizar os cargos públicos. Outros adversários de Mussolini não demoraram a ampliar o termo para significar uma condenação das aspirações fascistas de controle total. Como às vezes acontece com epítetos, Mussolini assumiu a este e usou-o de forma triunfal.<sup>17</sup>

Paxton estranha, com razão, que, apesar de Mussolini jactar-se com frequência “de seu totalitarismo, é irônico que alguns dos principais teóricos do totalitarismo do pós-guerra excluam o fascismo italiano de sua tipologia”, como a senhora Hannah Arendt<sup>18</sup>. A mesma questão é levantada por Francisco Falcon, que cita uma afirmação da senhora Arendt: “A ditadura fascista na Itália não tinha caráter totalitário algum”.<sup>19</sup> Para o autor, “a questão do totalitarismo ofuscou, durante duas ou três décadas, a análise do fenômeno fascista”.<sup>20</sup>

Também Stéphane Bou critica o conceito e sua principal divulgadora: “É um conceito comparativo, usado, sobretudo, pelos historiadores liberais e, mais tarde, durante a guerra fria, pela historiografia de direita. O totalitarismo engloba, os crimes nazis e os de Stalin, simultaneamente”.<sup>21</sup> Mais adiante coloca que “O conceito de totalitarismo deslizou cada vez mais para a direita”.<sup>22</sup>

Em que pese – e quanto! – a repressão stalinista, os objetivos o comunismo e do nazismo eram radicalmente diferentes. De um lado, a supremacia da “raça” ariana e, de outro, a igualdade universal. Ideologicamente marcada

pelo anticomunismo, a teoria do totalitarismo ignora as diferenças absolutamente fundamentais entre os dois regimes.

Já os conceitos de autoritarismo e ditadura são mais adequados para classificar governos de direita e de extrema-direita.

Segundo Norberto Bobbio,

Na tipologia dos sistemas políticos, são chamados de autoritários as os regimes que privilegiam a autoridade governamental e diminuem de forma mais ou menos radical o consenso, concentrando o poder político nas mãos de uma só pessoa ou de um só órgão e colocando em posição secundária as instituições representativas (...). As ideologias autoritárias, enfim, são ideologias que negam de uma maneira mais ou menos decisiva a igualdade dos homens e colocam em destaque o princípio hierárquico...<sup>23</sup>

Segundo os mesmos autores, ditadura “designa uma classe de regimes antidemocráticos ou não democráticos”.<sup>24</sup>

## Considerações Finais

Qual a saída? Qual a melhor maneira de se lutar contra a ofensiva da extrema-direita? Penso que esta não é uma resposta que possa ser dada individualmente. Exatamente para discuti-la coletivamente, é preciso mais do que nunca a união não só da esquerda, mas dos liberais progressistas, de todos que se mostrem contrários à ofensiva do neoliberalismo, do neoconservadorismo, do brutal atraso em relação à cultura. Contra aqueles que têm como cultura a do ódio, a do “bandido bom é bandido morto”, do machismo, daqueles que se horrorizam com o aborto – hipocritamente defendendo a vida embrionária – enquanto não se importam com milhões de crianças abandonadas, vivendo nas ruas, sem dignidade e presas do tráfico.

Precisamos elaborar uma plataforma econômica, política, social com base no humanismo, que contemple a população e cujo programa consiga chegar ao coração das massas.

Penso ser importante dar algumas indicações bibliográficas porque é impossível discutir o ressurgimento do nazi-fascismo sem entender o que significam. Listo apenas os que estão em português, de mais fácil acesso

- BERTONHA, João Fábio. *Fascismo, antifascismo e italianos Ensaio*. Caxias do Sul, EDUCS, 2017.

- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; CROCI, Federico. (org.). *Tempos de fascismo. Ideologia, intolerância, Imaginário*. São Paulo: EDUSP/Imprensa Oficial/Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2010.

- EKSTEINS, Modris. *A sagração da Primavera*. Tradução de Rosaura Eichenberg. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- FELICE, Renzo de. *Explicar o Fascismo*. Lisboa: 70, 1978.
- FELICE, Renzo de. *Breve história do fascismo*. Tradução de Maria Irene B. de Carvahó. Lisboa: Casa das Letras, 2005.
- GAY, Peter. *A Cultura de Weimar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- JASPERS, Karl. *A questão da culpa. A Alemanha e o nazismo*. Trad de Claudia Dornbusch. São Paulo: Todavia, 2018.
- KONDER, Leandro. *Introdução ao Fascismo*. Rio de Janeiro: Graal, 1977.
- MANN, Michael. *Fascistas*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record. 2008.
- MANN, Thomas. *Discursos contra Hitler – Ouvintes alemães!!* Tradução de Antônio Carlos dos Santos e Renato Zwick. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- PARADA, Maurício (org.) *Fascismos, conceitos e experiências*. Rio de Janeiro: Mauad, 2008.
- PAXTON, Robert. *A anatomia do fascismo*. Tradução de Patrícia e Paula Zimbres. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.
- PINTO, A. Costa. *Os camisas azuis e Salazar. Rolão Preto e o fascismo em Portugal*. Lisboa, Ed. 70, 2015.
- PINTO, Costa; MARINHO, F. P. (org.). *A vaga corporativa. Corporativismo e ditadura na Europa e na América Latina*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2016.
- SHIRER, Willian. *Ascensão e Queda do III Reich*. 2ª Ed. em dois volumes, Tradução de Pedro Pomar, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

## RESUMO

Este artigo procura fazer uma reflexão sobre o fascismo e extrema-direita. Resgata o sentido histórico do termo, tomando como base as experiências europeias e também as manifestações no cenário brasileiro. Tendo em vista esse pano de fundo tenta responder o que é atualmente o nazi-fascismo. Ao fim, faz algumas reflexões para pensarmos saídas e as melhores maneiras de lutar contra a ofensiva da extrema-direita atualmente.

## PALAVRAS-CHAVE

Fascismo; extrema-direita; nazi-fascismo

*Aspects of fascism in the 20th century*

## ABSTRACT

---

This article aims to reflect on fascism and extreme right. It rescues the historical meaning of the term, based on European experiences and also on the manifestations of the Brazilian scenario. In this context, tries to answer what is currently Nazi-fascism. In the end, make some thoughts to discover ways and the best ways to fight off the far right offensive these days.

## KEYWORDS

---

Fascism; extreme right; nazi-fascism

## NOTAS

---

1. O termo fascismo vem de *fascio*, feixe, símbolo da magistratura romana, que Mussolini usou como símbolo para seu movimento, surgido em 1919 e consolidado com a vitoriosa Marcha sobre Roma, em outubro de 1922. *Nazié* uma corruptela de nacional do nome do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães.
2. Professora aposentada da Universidade Federal de São Carlos, atualmente professora do PPG em História da UNIVERSO. Contato da autora: magvianna@uol.com.br
3. FELICE, Renzode. *Explicar o fascismo*. Tradução de Carlos, Veiga Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1976, p. 15
4. MANNHEIM, Karl. *Ideologia e utopia*. Segunda edição. Trad. de Sérgio Magalhães Santeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972, p. 160, nota 26
5. GUÉRIN, Daniel. *Sur Le fascisme II – Frascisme&grand capital*. Paris: Maspero, 1971, p.62. A tradução é minha
6. Ver, entre outros: PAXTON, Robert O. *A anatomia do fascismo*. Tradução de Patícia Zimbres e Paula Zimbres. São Paulo: Paz e Terra, 2007; CHAPOUTOT, Johann. *Fascisme, nazismeet regimes autoritaires em Europe – 1918-1945*. 2ª edição, Paris:PUF, 2013. LÉONARD, Yves, *Salazarisme&fascisme*. Paris: Chandeigne, 2003.
7. CHAPOUTOT, J. *Op. cit.*, p. 263.
8. Idem, p. 266.
9. Citado por PAXTON, R. *Op. cit.*, p. 257.
10. In LÉONARD, Yves. *Op. cit.*, p. 79. Ver também PINTO, António Costa. *Os camisas azuis e Salazar. Rolão Preto e o fascismo em Portugal*. Edições 70, 2015.
11. PAXTON, R. *Op. cit.*, p. 332.
12. PAXTON, R. *Op. cit.*, p. 333. Indica o autor que as citações foram retiradas de entrevista com o general EffiEitan, representante do Partido Religioso Nacional e ministro sem pasta do governo de Ariel Sharon. *Le Monde*, Paris, 7-8 de abril de 2002.
13. FERNANDES, Maria Cristina. “Bolsonaro na disputa pela estética quebrada”.

In *Valor Econômico* de 13 de julho de 2018. Acessível em ([https://www.valor.com.br/imprimir/noticia\\_impreso/5656305](https://www.valor.com.br/imprimir/noticia_impreso/5656305)Acessado a 15 de julho de 2018>.

14. Idem, p. 2.

15. STENHELL, Zeev. *Naissance de l'ideologie fasciste*. Paris, Fayard, 1989, p. 12.

16. Idem, p. 16.

17. PAXTON, R. *Op. Cit.*, p. 345.

18. Idem.

19. ARENT, Hannah. *O sistema totalitário*. Lisboa, Don Quixote, 1978, p. 396. Cf. FALCON, Francisco José Calazans. “Fascismo: novas e antigas idéias”. In PARADA, Maurício (org.) *Fascismo, conceitos e experiências*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008. PP. 19.

20. Idem.

21. FRIEDLÄNDER, Saul. *Reflexões sobre o nazismo. Conversas com Stéphane Bou*. Porto: Sextante, 2017, p. 109.

22. Idem, p. 141.

23. BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*, vol. 1, 12ª Ed., tradução de Carmen C. Varriale, Gaetano Lo Mònaco, João Ferreira, Luís Guerreiro Pinto Cascais e Renzo DINI. Brasília: Ed. UnB/São Paulo: Imprensa Oficial 2002, p. 94.

24. Idem, p. 370.